

Foucault and the Kamasutra, de Sanjay K. Gautam

Geraldo Magella Neres¹
Vania Sandeleia Vaz da Silva²

GAUTAM, S. K. **Foucault and the Kamasutra**: The Courtesan, the Dandy, and the Birth of Ars Erotica as Theater in India. Chicago: University of Chicago Press, 2016.

Acabou de ser publicado pela editora da Universidade de Chicago, em meados do ano passado, um livro com um título bastante instigante, que, à primeira vista, parece querer aproximar temáticas aparentemente afastadas. O livro de Sanjay K. Gautam, intitulado *Foucault and the Kamasutra*, desafia a opinião dominante ao justapor o nome do famoso filósofo francês ao ícone máximo da literatura indiana sobre o prazer erótico-sexual³. Não que a obra de Foucault - e, por extensão, o seu próprio comportamento e modo de vida - seja avessa à polêmica, chegando mesmo a causar certa perplexidade entre parcelas do público leitor não especializado.

Todavia, essa estranheza tem outra origem, resultando mais da associação desse livro, que desde a primeira tradução para uma língua ocidental⁴ foi imediatamente vinculado à pornografia vulgar, a um dos autores mais influentes atualmente no contexto das humanidades (crítica literária, história, ciências sociais etc.). O inusitado do título decorre exatamente dessa situação insólita, pois, ao associar Foucault ao *Kamasutra*, Gautam resgata o livro atribuído à Mallanaga Vatsyayana do pântano da obscenidade pornográfica, para onde fora relegado pela comunidade de leitores ocidentais, para restituí-lo ao cânone da literatura clássica indiana escrita em sânscrito, tornando-o um objeto digno da investigação acadêmica⁵.

O autor em questão é professor associado de história da Universidade do Colorado (Campus de Boulder), dedicando-se ao campo de pesquisa que, nas universidades americanas, é denominado de *Asian Studies*. Os *Asian Studies* ou *Estudos Asiáticos* combinam aspectos da sociologia, história, antropologia cultural e diversas outras disciplinas das ciências sociais para investigar as sociedades tradicionais e contemporâneas do oriente. No caso específico do autor, seus interesses delimitam-se no tempo, mas ampliam-se quanto às temáticas: cronologicamente, suas pesquisas voltam-se principalmente para o período antigo da história social indiana e do Sul da Ásia (Paquistão, Bangladesh, Sri Lanka etc.); contudo, seu escopo se dilata, abrangendo também a guerra, as questões de gênero, a sexualidade e o erotismo. Por

1 Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Unioeste, Campus de Toledo/PR (geraldomagellaneres@yahoo.com.br).

2 Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Unioeste, campus de Toledo/PR (vaniasandeleiavazdasilva@yahoo.com.br).

3 Na antiga Índia, o corpo especializado de literatura dedicado ao prazer sexual era denominado de *Kamashastra*. O *Kamasutra* é a obra mais importante e emblemática dessa tradição literária.

4 A primeira tradução do *Kamasutra* para o inglês é atribuída a Richard Burton, mas hoje sabemos que ela foi feita majoritariamente por Foster Fitzgerald Arbuthnot, cabendo ao primeiro a revisão e a readequação do texto para o público inglês (DONIGER; KAKAR, 2003, p. 1).

5 Existem pouquíssimos estudos acadêmicos sobre o *Kamasutra*. Dentre os mais importantes destacamos: McConnachie, James. **The book of love**. New York: Metropolitan Books, 2008; a *Introdução* à nova tradução feita por Doniger e Kakar, In: Doniger, Wendy; Kakar, Sudhir. **Kamasutra**. New York: Oxford University Press, 2003; e, mais recentemente, Doniger, Wendy. **Redeeming the Kamasutra**. New York: Oxford University Press, 2016.

isso o seu interesse em transformar o *Kamasutra* em objeto de investigação acadêmica.

Segundo as palavras do próprio autor, *Foucault and the Kamasutra* visa fornecer “(...) uma exploração histórica sobre a natureza e as origens da *ars erotica*, ou da arte erótica, como teatro, no *Kamasutra*, a partir de um engajamento crítico com o trabalho de Michel Foucault sobre a história da sexualidade” (GAUTAM, 2016, p. 1). Ou seja, trata-se de uma investigação sobre o *Kamasutra*, mas, ao mesmo tempo, de uma sistematização dos conceitos foucaultianos de prazer e de *ars erotica*, elementos fundamentais de sua história da sexualidade, mas deixados sem o acabamento definitivo⁶. Com efeito, ao utilizar o arsenal teórico e metodológico foucaultiano, notadamente a oposição heurística entre *ars erotica* e *scientia sexualis* proposta por Foucault no primeiro volume de sua *História da sexualidade*⁷, Sanjay Gautam fornece uma importante contribuição não só aos estudos sobre o pensamento do filósofo francês, mas, principalmente, inaugura um novo e criativo filão epistemológico para a interpretação do *Kamasutra*.

Os argumentos desenvolvidos pelo autor se distribuem em sete capítulos. No primeiro capítulo “Foucault e a noção de *Ars Erotica*: prazer como dessubjetivação”, ao retomar os escritos de Foucault sobre a sexualidade, o autor explora os seus *insights* sobre *ars erotica* e prazer, noções que serão utilizadas em sua investigação posterior do *Kamasutra*. Essa análise relaciona e contrapõe a concepção foucaultiana de prazer como ‘dessubjetivação’ ou desconstrução do ego/identidade, própria das experiências de êxtase estético e sexual, com os conceitos centrais de ‘verdade’ e de ‘identidade’, imanentes ao conceito de *scientia sexualis* ocidental.

Enfim, o mais importante a destacar, é que esse primeiro capítulo busca sistematizar uma noção de prazer que Foucault não chegou a definir precisamente, permanecendo fragmentária e dispersa, aparecendo em sua obra (livros e entrevistas) mais como algo implícito do que explícito. E, talvez, exatamente por isso, esse seja o momento mais crítico do livro, pois comporta muitos elementos de inferência e de recomposição conceitual. Contudo, não chega a comprometer o quadro teórico composto pelo autor, já que a sua reconstrução dessas noções está visceralmente fundamentada numa leitura fidedigna e escrupulosa da obra de Michel Foucault. No final, o que transparece é um contraste heurístico entre as duas concepções: a *ars erotica* como uma tradição discursiva oriental fundada na legalidade e autonomia do prazer erótico-sexual e a *scientia sexualis* como uma tradição discursiva ocidental fundada na subordinação do prazer erótico-sexual à legalidade da busca da ‘verdade’ e da ‘identidade’. Esse primeiro capítulo fundamenta toda a estrutura teórico-conceitual que será empregada na leitura do *Kamasutra*.

No segundo capítulo, “Prazer e patriarcado: o discurso do *Darma* e a figura da esposa”, o autor situa o discurso da *ars erotica* no contexto histórico e discursivo de dois desenvolvimentos extremos da cultura indiana: a hegemonização do discurso do prazer erótico-sexual pelo discurso da lei bramânica (defensora do sistema de castas) e a subordinação das mulheres ao poder patriarcal. A tese forte do autor é a de que a origem do discurso erótico (e, por

6 Em função da diversidade de interesses de pesquisa, Foucault acaba abandonando os conceitos de prazer e *ars erotica* sem o devido desenvolvimento. De modo que seus comentários sobre esses temas - sem dúvida, centrais para sua história da sexualidade - são, em sua maioria, breves e fragmentários.

7 No livro *História da sexualidade – a vontade de saber* (vol. I), Foucault reivindica uma distinção fundamental entre *scientia sexualis* e *ars erotica* como elemento central de sua almejada história da sexualidade (FOUCAULT, 2015, p. 59-83). Contudo, a partir do segundo volume, esse *approach* comparativo é modificado, sendo progressivamente abandonado pela preocupação com o ‘cuidado de si’.

extensão, da própria tradição discursiva indiana da *ars erotica*), tal como transparece no *Kamasutra*, deve ser compreendida como uma resposta contra-hegemônica à difusão dos ideais patriarcais e à sujeição das mulheres no ambiente familiar. Nesse sentido, o autor acusa o *Mânava Dharmasâstra* ou *Leis de Manu* de ser o veiculador de um discurso de poder fundado na construção de uma nova subjetividade, aquela da esposa submissa e servil ao marido. Então, o surgimento do *Kamasutra* poderia ser compreendido como um movimento discursivo de defesa da legalidade e da autonomia do prazer erótico-sexual diante da ofensiva do discurso da lei bramânica.

Já no capítulo terceiro, “A cortesã e o nascimento da *Ars Erotica* como teatro”, o autor investiga a influência da cortesã sobre a conformação da *ars erotica* como teatro, tal qual expressa no *Kamasutra*. A sua exposição se desdobra em dois planos principais: primeiro, situa a cortesã num contexto exterior ao círculo de castas e de identidade patriarcal, como uma figura livre da imposição dos papéis exigidos pelo patriarcado; depois, por meio da exploração dos textos antigos, constrói uma apresentação convincente da cortesã como a artífice principal do processo de constituição do discurso do erotismo como teatro do amor.

Em franca oposição ao discurso bramânico, centrado na difusão da subjetividade da figura da esposa, o *Kamasutra* constrói um discurso alternativo, centrado na figura da cortesã. Fora do arranjo de castas e avessa à subjetividade de esposa imposta pela lei bramânica, a cortesã pôde moldar a matriz do discurso da *ars erotica*, fundado na autonomia das mulheres e na legitimidade do prazer erótico-sexual. É nesse momento que o autor problematiza a escolha dos termos *nâyaka* (ator) e *nâyika* (atriz) utilizados no *Kamasutra* para nomear os parceiros envolvidos no jogo amoroso. Por que isso se deu? Por que não nomeá-los simplesmente por amante e amada? Qual a relação entre teatro e erotismo na Índia antiga? Por que o *Kamasutra* não justifica essa escolha, aceitando-a como evidente?

O capítulo quarto, “A cortesã e a origem do *Nâtyasastra*: da *Ars Erotica* à *Ars Theatrica*” dedica-se a destacar a afinidade consanguínea entre o *Nâtyasastra* e o *Kamasutra*⁸. O *Nâtyasastra*, texto fundador da tradição do teatro na Índia antiga, foi escrito um século antes, servindo de modelo e parâmetro para a composição do *Kamasutra*. As perguntas colocadas no capítulo anterior começam, enfim, a ser respondidas. A continuidade entre teatro e erotismo na Índia antiga decorre de sua origem comum centrada em torno da tríade composta pela cortesã, pelo dândi-consorte (*Vaisika*) e pelo dândi-guru (*Vita*). Evidentemente que a ordem cronológica é inversa: o discurso sobre o teatro, surgido um século antes, fornece o paradigma para a construção do discurso sobre o erotismo.

Os paralelismos confirmando isso são muitos, como aponta o autor, mas o mais importante deles talvez seja a semelhança entre a noção de *rasa* ou prazer estético no *Nâtyasastra* e a noção de prazer erótico-sexual no *Kamasutra*, ambos compreendidos como um processo de suspensão da consciência vígil ou de dessubjetivação. Essa legitimação anterior da busca do prazer estético fornecida pelo *Nâtyasastra* permitiu, um século depois, sob a ameaça de hegemonia da lei bramânica, que se constituísse uma tradição de discurso fundada na legitimidade do prazer erótico-sexual. Por outro lado, sob a influência do teatro, a expressão sexual transforma-se no exercício do teatro do amor. Por isso a ligação umbilical entre teatro e erotismo existente na cultura da Índia antiga.

Em seguida, no capítulo quinto, “O dândi-guru e o nascimento dos discursos sobre o

8 Apesar de controverso, as datas mais aceitas para a composição das duas obras é a seguinte: o *Nâtyasastra* ou tratado sobre o teatro foi composto por volta do século II d.C. e o *Kamasutra* ou tratado sobre o prazer erótico-sexual foi composto um século depois, por volta do século III d.C.

erotismo e sobre o teatro”, o autor investiga a construção dos discursos típicos da *ars erotica* e da *ars theatrica* por meio da mediação da figura histórica do *Vita* ou dândi-guru. O *Vita* é apresentado como um personagem fundamental da cultura indiana antiga, pois foi por meio dele que o conjunto de práticas erótico-sexuais e teatrais amplamente difundidas na tradição oral transformou-se em temas de reflexão intelectual.

Ou seja, a partir da observação meticulosa das práticas e das relações estabelecidas entre a cortesã e o dândi-consorte, o *Vita* ou dândi-guru codificou a tradição de discurso tanto da *ars erotica* quanto da *ars theatrica*. Mesmo sendo a figura central da tríade, ao redor da qual o dândi-consorte e o dândi-guru gravitavam, a cortesã não legou nenhum tratado sequer sobre o erotismo ou sobre o teatro. Essa função coube ao dândi-guru. Para sustentar suas afirmações o autor utiliza uma das fontes histórico-literárias mais importantes da Índia antiga, denominadas em seu conjunto de *Catubhanis*. Esse é o arquivo (para utilizar a linguagem focaultiana) que permite a reconstrução do processo de afirmação dos discursos sobre o erotismo e sobre o teatro, centrados na figura da cortesã, mas codificados pelo dândi-guru.

No capítulo sexto, “O dândi-urbano e a visão de cidade baseada na arte”, dedicado à figura do *nagaraka* ou dândi-urbano, Gautam esclarece como essa figura emblemática condensa em si toda a visão estética e artística de cidade apresentada no *Kamasutra*. Nesse sentido, o *nagaraka* representa a reconfiguração do dândi-consorte, agora plasmado na figura universal do habitante da cidade, dotado de posses e movido pela busca da fruição estética da vida. Essa reconfiguração opera segundo uma desterritorialização da ação local do dândi-consorte e de sua posterior reterritorialização, agora numa escala mais ampla, abarcando o contexto maior da cidade. É assim que o *Kamasutra* difunde uma pedagogia pública de convívio urbano baseada inteiramente na busca do prazer estético e erótico-sexual.

Finalmente, o capítulo sétimo, “Foucault e o Kamasutra: rupturas” conclui a obra de Sanjay Gautam por meio de um exame crítico da virada teórica de Michel Foucault, ocorrida nos anos finais de sua vida, quando abandona completamente o conceito de *ars erotica* em proveito dos conceitos de ‘verdade’ e de ‘cuidado de si’, alçados agora ao centro de suas preocupações investigativas. O próprio título do capítulo é revelador da ruptura operada na obra de Foucault. Os conceitos de prazer e de *ars erotica*, anunciados peremptoriamente nos primeiros anos de seu trabalho sobre a história da sexualidade, não resistiram ao seu contato com a filosofia grega. A partir de então, esse novo arquivo ocupará as preocupações do filósofo francês em seus últimos anos de vida.

Referências

DONIGER, Wendy, KAKAR, Sudhir. **Kamasutra**. New York: Oxford University Press, 2003.

DONIGER, Wendy. **Redeeming the Kamasutra**. New York: Oxford University Press, 2016.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade – a vontade de saber**. São Paulo: Paz & Terra, 2015.

GAUTAM, S. K. **Foucault and the Kamasutra: The Courtesan, the Dandy, and the Birth of Ars Erotica as Theater in India**. Chicago: The University of Chicago Press, 2016.

McCONNACHIE, James. **The book of love**. New York: Metropolitan Books, 2008.